

CENAS DE MEDO EM *SAPATO DE SALTO*, DE LYGIA BOJUNGA

Italiene Santos de Castro Pereira (PIBIC-CNPq/UFU)

italiene@gmail.com

RESUMO: Lygia Bojunga Nunes situa-se entre os autores de literatura infantil e juvenil que tematizam os problemas da sociedade contemporânea, especialmente aqueles em que a criança é vitimada. Assim sendo, temas, como a morte, o abandono, o estupro, o homossexualismo e a prostituição infantil, são pontos-chaves da obra *Sapato de Salto* (2006), de Lygia Bojunga. A autora cria a narrativa em torno de uma personagem principal – uma criança – e ao seu redor surgem novos personagens que acrescentam novas informações, vividas em histórias paralelas. A protagonista é Sabrina, uma menina de “quase onze anos”, que nasce e vive a maior parte de sua vida em um orfanato, é “adotada” por uma família para ser babá de duas outras crianças e passa a ser abusada sexualmente pelo pai delas. Logo depois, a Tia Inês encontra a garota e a leva embora para viver com ela e a avó. No entanto, quando pensamos que a menina terá uma vida tranquila e sem o perigo do desamparo, a narrativa não preserva a criança das terríveis realidades do mundo: de início ela precisa aprender a conviver com a loucura da avó; e, quando acreditamos que já basta de sofrimento, a protagonista é testemunha impotente do assassinato da Tia Inês. Dessa forma, quando cremos que não há mais como a história se entremear, Sabrina assume a responsabilidade de cuidar da avó, sua única família, e lança-se no mundo da prostituição. Dito isso, este trabalho pretende analisar as cenas de medo presentes na obra, especialmente a do assassinato, a do estupro, a da pedofilia e a do desamparo, visto que a garota vive cercada dessas imagens de medo.

PALAVRAS-CHAVE: Lygia Bojunga, *Sapato de Salto*, Medo, Desamparo.

A literatura, de acordo com Antonio Candido (1995, p. 176), não corrompe nem edifica, mas traz livremente em si o que chamamos de bem e de mal; logo, humaniza porque faz viver. Nesse sentido, ela desperta no homem sentimentos vários: amor, alegria, tristeza, raiva, esperança, encanto, medo.

O *Dicionário Aurélio* (2009, p. 543) define o medo como “Estado emocional resultante da consciência de perigo ou de ameaça, reais, hipotéticos ou imaginários e Preocupação com determinado fato ou com determinada possibilidade”. Logo, o sentimento de medo é inerente ao ser humano e é fundamental para que o homem consiga sobreviver e garantir a segurança de si e de seus semelhantes. Ainda, Lovecraft (1987), ao analisar a literatura de horror, dá destaque à ideia de que o medo é a emoção mais antiga do homem, o que pode ser demonstrado pelo fato de as narrativas trágicas de horror terem sobrevivido durante os séculos.

No entanto, o medo não está presente somente nos contos fantásticos e de horror, há outras formas desse sentimento expressas nos mais variados gêneros e temas abordados em literatura. Há narrativas em que a incerteza e o perigo pouco têm a ver com

objetos fantásticos, mas se manifestam a partir de perigos reais, prosaicos, comuns, inclusive, possivelmente aos leitores.

Afinal, o ser humano tem medo do desconhecido, do exótico, dos fantasmas, dos espíritos, do escuro, dos monstros imaginários, mas também teme o envelhecer, o adoecer, o morrer, a invasão alheia, a fome, o desamparo, ou seja, teme também os monstros reais. E a literatura existe a fim de enfatizar tais medos, colocá-los à mostra, visto que o ser humano tem essa necessidade de escrever tanto sobre o que é imaginário quanto sobre o que é real, afim de problematizar e tentar compreender melhor a morte e a insegurança, como escreve Jean Delumeau (2009):

“E o medo humano, filho de nossa imaginação, não é uno mas múltiplo, não é fixo mas perpetuamente cambiante.” Daí a necessidade de escrever sua história. No entanto, o medo é ambíguo. Inerente à nossa natureza, é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente à morte. (DELUMEAU, 2009, p. 23-24)

Lygia Bojunga Nunes é uma das maiores escritoras brasileiras de literatura infantil e juvenil. Ela constrói suas narrativas utilizando a infância como tema principal, abordando questões que são tabus geralmente nessa espécie literária, tais como morte, abandono, homossexualidade e prostituição infantil. Além disso, o medo é um assunto recorrente, em cada livro, a autora trata desse tema sob determinada perspectiva.

Em *Seis vezes Lucas* (1995), por exemplo, o protagonista, Lucas, vive em constante luta contra o medo de estar sozinho e cria alguns artifícios para disfarçar esse medo, conseguir vencê-lo e aprender a lidar com as angústias da vida real, como a máscara feita de massa de modelar, com a qual Lucas se camufla de um outro eu, totalmente corajoso e sem os temores da criança. Em *Corda Bamba* (1979), Maria é uma criança órfã e artista de circo que assiste a morte de seus pais, malabaristas. Desde o ocorrido, a menina sente medo de enfrentar a realidade por se sentir culpada pela morte dos pais. Esse medo se materializa na amnésia que Maria adquire depois da tragédia e a superação vem quando ela inicia sua aventura pela corda bamba, que representa uma imersão em seu inconsciente, a partir do qual ela relembra os acontecimentos do passado, recupera a própria identidade e se abre para novas possibilidades no futuro.

Na obra a ser aqui analisada, *Sapato de Salto* (2006), Lygia Bojunga utiliza-se da imagem do sapato e das representações que remetem aos pés (dança, futebol) para apresentar os problemas sociais e impasses existenciais vivenciados por seus personagens. Assim como em outros textos de sua autoria, nos quais a arte se torna uma

espécie de escape para seus personagens, aqui, em *Sapato de Salto*, a dança transmuta e entrelaça o destino dos personagens.

A obra conta a história de Sabrina, uma menina de “quase onze anos”, que é “adotada” por uma família para ser babá de duas outras crianças e passa a ser abusada sexualmente pelo pai delas. Após um período tempo, Tia Inês encontra a garota e a leva embora para viverem juntas e com a avó – Dona Gracinha. Nesse momento, o leitor acredita que a menina, a partir de agora, viverá uma vida como a de outras crianças de sua idade.

Todavia, o enredo não preserva a criança das terríveis realidades do mundo: a princípio Sabrina precisa aprender a lidar com a loucura de Dona Gracinha; e, mais tarde, é testemunha impotente do assassinato da Tia Inês. A partir desse momento, Sabrina precisa tomar para si a responsabilidade de cuidar da avó, sua única família, e lança-se no mundo da prostituição.

Assim, este trabalho pretende analisar as cenas de medo na obra *Sapato de Salto*, de Lygia Bojunga, publicada em 2006. No livro, foi possível perceber várias cenas em que o medo está presente: as cenas de pedofilia e estupro de Sabrina pelo Seu Gonçalves, as cenas em que a protagonista sente o medo do desamparo e a cena do assassinato da Tia Inês. Neste trabalho, proponho-me a analisar essas cenas e a forma como são construídas e desenvolvidas.

No início da história, quando Sabrina chega à casa de Seu Gonçalves e de Dona Matilde, ela se sente feliz por ter um lar e não viver mais no orfanato. Nesse momento, o espaço da casa era bom, pois a menina tinha comida na hora certa, brincava com as crianças (Betinho e Marilda) – pois, apesar de ser a babá, como ainda era uma criança, ela sentia tudo como uma grande brincadeira – tinha cama para dormir e um quarto para si, ainda que ficasse muito cansada com tamanho serviço (cuidava das crianças e das roupas delas). Podemos perceber isso neste trecho:

Sabrina corria, num instantinho voltava, achava tudo legal; mas acabava o almoço já pensava no lanche; era só acabar de lanchar pra pensar o que que ia ter pro jantar. A Marilda sempre do lado, o Betinho do outro lado, os três se gostando muito, tome risada e brincadeira, festinha e beijo estalado. De noite, quando deitava, Sabrina ainda queria ficar lembrando o bife desse tamanho, o pão com geléia e manteiga, a tevê tão enorme, mas dormia logo: o corpo moído. Pulava cedo da cama; quando o casal acordava, a Sabrina já tinha lavado, passado, brincado, cuidado. (BOJUNGA, 2006, p. 12)

Todavia, quando Seu Gonçalves começa a visitar o quarto da Sabrina e ocorre o abuso sexual; o espaço da casa deixa de ser aconchegante para a menina, principalmente o quarto dela, a cama, a maçaneta da porta. Isso porque era no quarto e na cama que acontecia o estupro, e ela ficava olhando a maçaneta esperando ela girar, o que significava que Seu Gonçalves estava chegando, e em mais uma noite o medo instalava-se no quarto e no interior da menina:

E o grande segredo dos dois passou a animar a vida dele, a botar sombra nos dias dela; e de noite, tudo que é noite, a mesma tensão: ele hoje vem? O olho hipnotizado pela maçaneta redonda, de louça branca, o coração batendo assustado. Foi se esquecendo de prestar atenção no estudo, foi se esquecendo de pensar que cor que era isso e aquilo, nunca mais desenhou. [...] A aluna só conseguia prestar atenção na maçaneta branca. De dia, a imagem da maçaneta rodando não largava o pensamento dela; de noite, assim que se deitava, o olho grudava na maçaneta, esperando o momento dela rodar. (BOJUNGA, 2006, p. 21)

Além disso, o maior medo de Sabrina era que Dona Matilde descobrisse o que acontecia naquele quarto todas as noites:

Quando o Seu Gonçalves não aparecia, a Sabrina só ia dormir de madrugada, o sono enfim vencendo a ansiedade. Mas, se ele vinha, a atração pela maçaneta ainda se tornava mais forte: que medo de ver a Dona Matilde entrando! Visualizava a cena. Dona Matilde acordando. Vendo vazio o lugar do Seu Gonçalves. Onde é que ele andava? Esperando e ele não voltando. Dona Matilde enfiando o chinelo de salto e pompom. Procurando pela casa. Abrindo a porta do escritório. Do banheiro. Da despensa. Aqui do quarto! E, às vezes, a imaginação exaltada pintava a cena com tanto realismo, que, quando a Sabrina via a Dona Matilde entrando, abafava um grito de susto, o corpo estremeando todo. (BOJUNGA, 2006, p. 22)

É importante salientar que os abusos ocorriam à noite, que é o tempo e o espaço do medo por excelência:

Fantasmas, tempestades, lobos e malefícios tinham muitas vezes a noite por cúmplice. Esta, em muitos medos de outrora, entrava como componente considerável. Era o lugar onde os inimigos do homem tramavam sua perda, no físico e no moral. (DELUMEAU, 2009, p. 138)

Ora, não é à toa que Seu Gonçalves escolhe a noite para ir atrás de Sabrina, afinal é nesse momento em que todos dormem e não há o perigo de ele ser descoberto. Até que em uma noite os medos da menina se materializam, porque ela percebe Dona Matilde à espreita pela luz que vinha de debaixo da porta do quarto da Sabrina.

Um chinelo de salto entrou sorrateiro na faixa de luz. Parou. Sabrina quis abafar as palavras que explodiam do Seu Gonçalves, mas estava paralisada de medo. O chinelo também: paralisado. E depois que o Seu Gonçalves se aquietou o chinelo continuou sem se mexer. Durante um tempo que parecia não ter fim. Até que, lá pelas tantas, o chinelo desgrudou do chão. E a tira de luz se apagou. (BOJUNGA, 2006, p. 23)

No outro dia, Sabrina ficava procurando o olhar de Dona Matilde para ter certeza de que ela esteve mesmo na porta do quarto, mas, ao mesmo tempo, a menina tinha medo de encontrar o olho de Dona Matilde e saber a verdade. Ela, então, toma coragem e suplica ao Seu Gonçalves que não apareça mais à noite, por medo de Dona Matilde descobrir. Contudo, o homem não gosta da ideia e assegura à Sabrina que mesmo que Dona Matilde descubra, ele dará um jeito na situação.

– E se ela descobre?
 – Deixa comigo.
 – E se ela já sabe?
 – Deixa comigo, já disse!
 – Se ela descobre ela me manda embora e eu não quero voltar pro orfanato.
 – Então eu vou deixar você voltar pr’aquilo lá? Deixa comigo. (BOJUNGA, 2006, p. 24)

Nesse momento, é possível perceber que, para Sabrina, o espaço do orfanato é muito pior e inspira mais medo do que o abuso sofrido na casa, tanto o sexual pelo Seu Gonçalves quanto o físico, já que Dona Matilde começou a repreender e espancar a menina mais severamente. É importante notar que Sabrina, depois da primeira vez em que ocorre o estupro, pensa em fugir, mas reflete e entende que é mais fácil ficar, visto que tinha um lar e o orfanato ou a rua seriam muito piores. Na casa de Seu Gonçalves ela tinha amparo, apesar de tudo; logo, o medo do desamparo era maior do que o medo dos abusos.

Estremeceu: e agora? Continuava falando baixinho com ele? Sumia dali? Olhava Dona Matilde no olho? Sumia pra sempre? Brincava com a Marilda e o Betinho? Sumia pra onde? Quando o dia se levantou ela sentiu que ia ficar. Sem planos, sem escolha. Só com o instinto dizendo que, apesar de tudo, era mais fácil ficar. (BOJUNGA, 2006, p. 21)

Delumeau (2009, p. 24) afirma que “se ultrapassa uma dose suportável, ele [o medo] se torna patológico e cria bloqueios. Pode-se morrer de medo, ou ao menos ficar paralisado por ele.” Desse modo, Sabrina fica paralisada pelo medo de ficar desamparada novamente e escolhe continuar na casa.

Quando Tia Inês aparece na casa para buscar Sabrina, temos a certeza de que Dona Matilde sempre soube das visitas de Seu Gonçalves ao quarto da menina: a mulher se despede da protagonista com uma bofetada e um aviso:

Quando a Sabrina chegou mais perto pra dar um beijo de despedida, recebeu uma bofetada na cara:

– É pra você não se esquecer que eu não vou me esquecer. – E bateu a porta com a mesma força da bofetada. (BOJUNGA, 2006, p. 36)

Ao sair da casa, Sabrina sente-se finalmente livre e feliz, pois teria o amparo que sempre sonhou – uma família de verdade! – e não sofreria mais os abusos sexuais e físicos. “Sabrina saiu correndo, chegou logo na esquina dobrou. Parou e respirou fundo” (p. 38). No entanto, quando Tia Inês a questiona o porquê de Dona Matilde a ter agredido, Sabrina tem medo de contar e ficar novamente desamparada, sem avó, sem tia, sem família. Por isso, enrola e muda de assunto para não correr o risco de perder o que havia acabado de ganhar: família e liberdade.

E agora? Contava ou não contava o segredo azul fraquinho? Agora ela tinha uma tia. Que até chamava ela de filhinha. E tinha também uma vó, já pensou? E se ela contava e ficava de novo sem vó e sem tia? [...] Como é que era essa tia? Será que era tia da gente contar segredo? E como é que ia ser essa vó? (BOJUNGA, 2006, p. 39)

Desde quando Tia Inês conta para Sabrina que ela teve uma mãe que se afogou em um rio com uma pedra amarrada ao pescoço, a menina fica muito curiosa em saber mais a respeito de sua progenitora. Entretanto, a tia evitava falar no assunto e Sabrina tinha medo de irritar Tia Inês e acabar desamparada, sem casa e família novamente.

Pela primeira vez na vida a Sabrina experimentava o gosto que a liberdade tem e, aaah! Era bom demais. Enfim tomava consciência de que a vida *também* podia ser uma festa, e de que ser feliz era tão bom! Resultado: deu pra se assustar ao menor sinal de botar a festa em risco, quer dizer, de aborrecer a Tia Inês ou a Dona Gracinha. Então resolveu esperar: quem sabe, um dia, a Tia Inês ia ter vontade de contar as histórias que ela queria tanto ouvir. (BOJUNGA, 2006, p. 101)

Além disso, Sabrina fazia de tudo para ser o mais discreta possível quando os clientes da tia chegavam, por isso, logo pegava a avó e a levava ao quintal para que elas brincassem e a tia não achasse que a menina era bisbilhoteira. Nesse sentido, podemos entender que o medo era o instinto de sobrevivência de Sabrina, já que ela considerava que o abandono e o desamparo eram muito piores do que violência física ou abuso sexual,

e mais ainda, do que a curiosidade que ela tinha de saber sobre suas origens. Portanto, tudo isso era insignificante perto do medo de não pertencer a uma família e de não possuir um lar.

No entanto, chega um dia em que Sabrina sente a necessidade de contar à tia o “segredo azul fraquinho”. Ela acorda de madrugada quando a tia está se despedindo de um cliente e despeja, de uma só vez, tudo o que havia acontecido na casa do Seu Gonçalves.

– Tia Inês eu preciso te contar um segredo! Um segredo que eu nunca ia contar, mas eu preciso, Tia Inês, eu preciso te contar. Mesmo que você zangue, eu preciso. Mas não zanga não porque eu não tive culpa. Quando ele entrou no meu quarto a primeira vez, eu nem tava pensando o que ele ia fazer comigo. Mas ele fez. Depois voltou na outra noite e... E a Sabrina, ali mesmo na entrada do quarto, de pé no chão e de mão agarrada na moldura da porta (feito coisa que tava segurando), despejou, sem pausa e sem pontuação, a primeira e as outras visitas do Seu Gonçalves [...] – Você fica aborrecida comigo por causa disso?” (BOJUNGA, 2006, p. 103-104)

É possível ver que Sabrina ainda tinha medo de ser rejeitada pela tia por causa do que havia acontecido, pois ela acreditava ter uma parcela de culpa pelos abusos sofridos. Contudo, Tia Inês afirma não ter ficado brava com a sobrinha, visto que já desconfiava desse ocorrido. Além disso, Sabrina questiona à tia se a mãe, caso estivesse viva, iria ficar aborrecida com ela. Nesse momento é que Tia Inês começa a contar, por meio de uma carta escrita por Maristela (mãe de Sabrina), o que a menina queria tanto ouvir: a história da mãe, da tia e da avó. E justamente nessa carta a então jovem gestante contava a uma amiga que estava passando muitas dificuldades e, por isso, precisou se prostituir para comprar comida. Depois da longa conversa com Tia Inês, Sabrina foi dormir feliz e aliviada, afinal ela não tinha mais medo de ser rejeitada e desamparada pela família devido ao que havia ocorrido na casa de Seu Gonçalves.

Entretanto, quando tudo parece se acalmar na vida da protagonista, chega o dia em que aparece O Assassino na casa da família. Aqui é importante observar que o capítulo em que esses acontecimentos ocorrem é intitulado O Assassino, o que deixa o leitor antecipadamente angustiado, pois, apesar de Sabrina não saber que ele é O Assassino, o leitor já sabe disso. O Assassino chega de forma casual na casa quando estavam apenas a menina e a avó, assenta-se e pergunta pela Tia Inês “Feito coisa que eram íntimos” (2006, p.128). A menina avisa que a tia saiu, mas que já voltava e ele diz que irá esperar. No início, Sabrina não sente nada em relação ao estranho, mas vai começando a sentir uma espécie de angústia com a presença do homem. Ela liga a tevê, começa a jantar, tenta puxar assunto com O Assassino, mas o sentimento de “nervoso” não a deixa em paz.

Sabrina voltou pra mesa e pegou de novo o garfo. Mas o tal pouco de nervoso foi fazendo sumir dela a vontade de comer. Ora ela olhava pra televisão, ora pro Assassino. [...] Mas acabou chegando a hora da Tia Inês entrar. (BOJUNGA, 2006, p. 129-130)

Inconscientemente, Sabrina sente medo da presença do Assassino e esse medo aumenta gradualmente à medida que Tia Inês e o estranho começam a discutir. E quando a avó – depois de algum tempo de discussão – finalmente se dá conta do que está ocorrendo na sala, chama, aflita, a neta e começa a cantar a melodia de quando está estendendo roupa, o que sempre acontece quando ela está agitada. Até que, quando a Tia Inês diz ao assassino que a mate, pela primeira vez Sabrina intervém na discussão:

– ... eu dizia, então vai! Mata! Vai!
– Não diz isso, Tia Inês, não diz isso! (BOJUNGA, 2006, p. 137)

A menina fica dividida entre o medo de O Assassino matar a tia e a preocupação em atender os chamados da avó, que também estava dominada pelo mesmo medo. Tia Inês e O Assassino travam uma luta física, mas o estranho é muito mais forte do que ela e acaba a derrubando no chão. Sabrina faz de tudo para defender a tia do homem e a narrativa chega ao ápice quando os três tiros são disparados.

Na trégua que o escudo deu, a Tia Inês se levantou do chão, afastou Sabrina com o braço e enfiou a mão no bolso de dentro do paletó do Assassino, onde tantas e tantas vezes ela tinha visto a pistola que morava ali. Dirigiu a arma pra ele, ao mesmo tempo que a dona Gracinha baixava a pedra outra vez. Num gesto rápido, o Assassino agarrou a mão que segurava a arma, desviou ela pra Tia Inês e, de dedo comandando o gatilho, disparou uma, duas, três vezes. Durante um momento os quatro ficaram imóveis. Olho dilatado. (BOJUNGA, 2006, p. 139-140)

Esse é o momento de clímax do medo de Sabrina, pois a tia cai ensanguentada no chão e a sobrinha suplica em pensamento que Tia Inês não morra, não a abandone. Nesse instante, todos os medos do início retornam: o de ser desamparada, de não pertencer a uma família, não ter liberdade, voltar ao orfanato. Todavia, mesmo não querendo acreditar, a menina já sabe que a Tia Inês se foi e que não há mais solução.

Não adianta nem querer dizer qualquer coisa: a garganta está trancada e a Sabrina só consegue pedir rezado: me ajuda, Tia Inês, me ajuda, não deixa a tua mão esfriar mais. [...] Sabrina engole em seco, faz que sim com a cabeça e se levante pra buscar um médico. Mas se movimenta em câmara lenta... [...] ... feito coisa que está sem forças; o instinto confirmando o recado que a mão tinha dado: a

Tia Inês está morta; a Tia Inês perdida pra sempre; a Tia Inês pra nunca mais.
(BOJUNGA, 2006, p. 141-142)

Após esse episódio trágico, Sabrina e a avó ficam desamparadas, e a menina precisa começar a se prostituir para sustentar a si e a avó. Nesta análise, foi possível perceber como o medo é um sentimento natural do ser humano e o acompanha desde a infância até a velhice, se metamorfoseando em diversas facetas e objetos: a maçaneta, a fome, o estupro, o assassino. Além disso, em *Sapato de Salto*, Lygia Bojunga apresenta a materialização do medo sob a perspectiva da criança, por meio de uma linguagem rica e metafórica. Ainda, percebemos também como o medo define o destino de Sabrina e determina as ações e decisões tomadas pela protagonista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONJUNGA, Lygia. *Corda Bamba*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 1979.
- BONJUNGA, Lygia. *Seis vezes Lucas*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 1995.
- BONJUNGA, Lygia. *Sapato de Salto*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2006.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Tradução Maria Lucia Machado; tradução de notas Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4.ed. CURITIBA: Positivo, 2009.
- LOVECRAFT, Howard Phillips. Introdução. In: *O horror sobrenatural na literatura*. Trad. João G. Linke. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.